

MEMÓRIAS, CONSTELAÇÕES E CORPO: A RELAÇÃO ENTRE CORPO E CIDADE NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA EM DANÇA

Priscila Alves de Almeida

Universidade de São Paulo (USP) e ETEC de Artes de São Paulo

E-mail: priscila.alves.almeida@usp.br

Tema: Criação Artística

RESUMO: Normalmente entendemos como “memórias” apenas eventos do passado dos quais acessamos quando decidimos, conscientemente, acessar. Porém, são as experiências sensoriais de cada indivíduo que formam as memórias e, muitas vezes, estas são apresentadas de forma inconsciente em diferentes ações e movimentações do corpo. Longe de ser algo estanque e no passado, as memórias abarcam uma enorme complexidade temporal, sendo eternamente reconstruídas a partir de novas vivências, que se atrelam às vivências já armazenadas, modificando-as. O objetivo deste artigo é, portanto, discutir o que é a memória, de que forma ela se apresenta no corpo de um indivíduo, como a experiência urbana influencia a memória corporal e como a memória pode ser utilizada como material artístico para pesquisas e criações contemporâneas em dança.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Experiência Urbana, Memória Constelar, Criação Artística, Dança.

MEMÓRIAS, CONSTELAÇÕES E CORPO: A RELAÇÃO ENTRE CORPO E CIDADE NA CRIAÇÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA EM DANÇA¹

Priscila Almeida ²

A palavra “memória” abarca em si uma gama de significados e entendimentos. No que se refere ao tempo, a memória está comumente relacionada ao passado, onde estão as vivências que determinado corpo sofreu, possibilitando sua recordação no tempo presente. Segundo Rosely Conz, porém, “a memória não é algo situado no passado, mas sim é um acontecimento do/no presente” (CONZ:2013). Podemos entender esse aspecto quando percebemos que uma memória não é algo estanque. “O tempo age sobre as memórias, modificando-as”, nos diz Conz. Isso significa que cada nova experiência adquirida por um determinado corpo modifica suas memórias, tornando-as muito mais ligada ao presente, onde a resignificação é realizada, que ao passado, onde a experiência inicial ocorreu.

1. MEMÓRIA CONSTELAR

Associar a memória ao presente, tal qual nos faz Conz, sem dúvida parece mais coerente que meramente associá-la ao passado. Para o desenvolvimento da pesquisa atual, porém, esta noção parecia não explicitar determinados aspectos temporais que gostaria de frisar. Uma memória parece estar associada a acontecimentos de diferentes tempos, diferentes “passados” (mais próximos e mais distantes), sendo eternamente reconstruída no tempo presente, muitas vezes na tentativa de construção de algo para um futuro. Sendo assim, entender a memória como algo ligado somente ao presente parece não explicitar claramente toda essa complexidade temporal que ela abarca.

Para entender esse aspecto, pode-se aproximar a visão de memória a ser tratada neste artigo com a visão da narrativa benjaminiana e seu caráter “constelar”. Para Otte e Volpe,

¹ Pesquisa realizada na ETEC de Artes de São Paulo, sob a orientação do Prof. Esp. Luiz Anastácio.

² Mestranda em Antropologia Social pela USP, Bacharel em Letras-Linguística pela Universidade de São Paulo e técnica em Dança pela ETEC de Artes de São Paulo. É pesquisadora vinculada ao Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (NAU), onde pesquisa a relação entre corpo e cidade, sob a orientação da Profa. Dra. Silvana Nascimento. Como bailarina, foi membro da Quase-Lixo Cia de Dança, em dança contemporânea, e da Cia. Bailaores, em dança flamenca. Atualmente é integrante do Grupo Ewé, de danças e músicas brasileiras, dirigido por Luiz Anastácio, além de ser especialista em danças árabes clássicas e folclóricas.

“[o] texto constelar se caracterizaria pela liberdade de estabelecer ligações entre partes dispersas. Ao contrário da lógica da progressão do texto linear, que, constantemente, acrescenta elementos novos, o texto constelar se distingue por “interrupções” e pelo “recomeço perpétuo”. A repetição das mesmas coisas em contextos diferentes, na verdade, não é repetição, pois trata-se de considerar os “vários estratos de sua significação” (Otte e Volpe: 2000).

A memória é, portanto algo supratemporal que se caracteriza pelos anacronismos, pelo “recomeço perpétuo”, pela incompletude de significados. Longe de ser algo estanque e no passado, a *memória constelar*, como a chamarei aqui, se apresenta em uma espécie de suspensão do tempo, em que se unem experiências de diferentes épocas e em diferentes contextos para (res)significar uma determinada lembrança. Sendo assim, a todo o momento acrescentamos significados, apagamos elementos, preenchemos com novas vivências e modificamos a leitura de cada lembrança, formando, assim, a memória constelar. Uma imagem da infância, por exemplo, quando lembrada no tempo presente, apresenta-se comumente acrescida de inúmeras vivências e tendemos a vê-la com ilusões de felicidade, tranquilidade, inocência, características que aprendemos a associar à infância, mas que, sem dúvida, não estavam presentes na cena em si. Essa memória não reflete, portanto, o passado, onde a vivência inicial ocorreu. Tampouco reflete somente o tempo presente, onde ressignificamos a imagem inicial. Mais do que isso, essa memória associa-se uma série de tempos passados (mais próximos e mais distantes) em que inúmeras outras vivências (que conformaram nossas ideias do que é responsabilidade, malícia, infância etc.) serviram de contraponto para ressignificar, no tempo presente, o que teríamos vivido na época da cena, fazendo com que a encaremos de uma determinada ótica.

Na memória, tal como numa constelação, as associações entre diferentes “estrelas” (lembranças), são feitas não apenas pela proximidade, mas pelo sentido que formam em conjunto. Sendo assim a proximidade cronológica dos acontecimentos não é algo decisivo na justificativa dessas associações. Justifica-se o passado com o presente nas mais corriqueiras situações, muitas vezes com o intuito de construir algo futuro (a forma como queremos ser vistos, por exemplo). Ainda, apagamos elementos de cada vivência, muitas vezes pelo esquecimento comum ao tempo. Essas lacunas, vazios, tão característicos das lembranças, são sempre preenchidos novamente no tempo presente, num reconstruir eterno de memórias pessoais, tornando-as cada vez menos ligadas ao passado, ainda que de forma inconsciente.

2. O CORPO E AS CONSTELAÇÕES

A memória constelar apresenta-se, na maioria das vezes inconscientemente, em todas as lembranças de experiências vividas por um indivíduo, misturando-as, unindo-as, separando-as. Sendo assim, cabe aqui uma reflexão mais focada nas memórias ligadas ao corpo, nosso objeto de investigação.

No corpo, especificamente, esse caráter supratemporal (ou anacrônico) da memória apresenta-se pela repetição de movimentos vividos, que, gravados no corpo, reaparecem subitamente quando outro movimento, do presente, de alguma forma o retoma. No corpo de bailarinos, por exemplo, é fácil perceber qual é a linguagem mais familiar, independente de qual movimento esteja sendo executado. Inconscientemente, os movimentos repetidos a exaustão ao longo da vida daquele corpo reaparecem nesse novo movimento, muitas vezes tornando quase impossível sua realização sem os elementos já incorporados – isto é, já parte da memória do corpo.

2.1. *As Técnicas Corporais Como Memórias*

Uma vez que a repetição reiterada de determinados gestos gera no corpo uma memória específica, nossas técnicas corporais³, isso é, as movimentações que aprendemos a executar desde a infância, também podem ser entendidas como memórias. A escola, a família e outros locais de ensino conformam nossos corpos em gestos esperados para cada corpo. No que se refere a gênero, por exemplo, esse aprendizado é contante e movimentações esperadas para meninos e meninas são treinadas desde o nascimento até a vida adulta.

Para Isabel Marques,

Através de nossos corpos aprendemos subliminar e inconscientemente [...] quem somos, o que querem de nós, por que estamos neste mundo e como devemos nos comportar diante de suas demandas. Conceitos e regras sobre gênero, raça, etnia, classe social etc. estão/são incorporados durante nosso processo de ensino-aprendizado sem que muitas vezes nos demos conta daquilo que estamos construindo ou até mesmo (re)produzindo. (MARQUES, 1997)

Sendo assim, as movimentações comumente entendidas como “naturais” ao corpo, foram sistematicamente aprendidas, repetidas, incentivadas, de modo que se tornaram parte da

³ Para mais informações sobre essas técnicas corporais apreendidas ao longo da vida, ver “As técnicas do Corpo”, de Marcel Mauss (MAUSS: 2003).

memória do corpo. Foram tão exaustivamente repetidas que sequer é possível que um indivíduo se lembre de seu corpo antes desse processo.

3. O CORPO NA METRÓPOLE

Sobre a experiência na metrópole, Símmel, já no início do século XX falava do que ele chamou de “caráter blasé”, presente nas grandes cidades:

A essência do caráter *blasé* é o embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que elas não sejam percebidas, como no caso dos parvos, mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos. (Símmel: 1903)

Para o autor, a cidade expõe o indivíduo a tantos estímulos, que, para sobreviver a ela, ele passa a “endurecer-se”, a anular elementos (como o mendigo, a criança abandonada, dentre outros). Sabe-se que esses elementos estão lá, mas embrutecem-se os sentidos para deixar de sentir os efeitos que essa existência talvez cause. Quando esses elementos são expostos nas telas do cinema ou em peças teatrais, por exemplo, afloram-se os sentidos e momentânea e controladamente, sente-se o pesar que esses elementos causariam, para logo voltar ao curso “blasé” que a cidade proporciona.

O corpo na cidade, portanto, se apresenta em muitas situações como um corpo “apático”, cujo treinamento diário tenta deixar de lado a sensibilidade e a relação com o espaço. Caminha-se pela rua de forma a proteger o corpo dos demais e a ignorar determinados elementos. Apesar da visão de Simmel ser extremamente essencialista, se a tomarmos novamente como um “tipo ideal” weberiano, poderemos pensar de que forma esses estímulos conformam o corpo urbano, que grava em sua memória tal embrutecimento. Diante de diferentes situações extremas que chocariam ou causariam repulsa, esse corpo, treinado a embrutecer-se, os ignora. O “caráter blasé” já se tornou parte de sua memória e é acionada em diferentes ocasiões, modificando sua experiência.

4. MEMÓRIA CONSTELAR EM CENA

Dado o quadro corporal das grandes cidades, um trabalho artístico em dança voltado para este público deve considerar o “caráter *blasé*” em sua criação. Uma vez que a relação corporal *blasé* urbana é sabida pelos artistas, é necessário pensar em formas e elementos a serem

utilizados para modificar o estado de cada corpo na plateia (ou aproveitar-se desse estado, a depender do trabalho a ser desenvolvido).

No espetáculo Memórias, Constelações e Corpo, inicialmente concebido pelos formandos do Curso Técnico em Dança da ETEC de Artes de São Paulo no segundo semestre de 2014, vários elementos foram utilizados com esse fim. Ainda fora do local de apresentação, iniciam-se movimentações comuns em contextos urbanos, ativando, de alguma forma, lembranças de elementos da cidade. Após isso, um a um, o público adentrava ao local de apresentação, tendo de caminhar por um ambiente totalmente escuro e recebendo luz nos olhos ao entrar, o que, de alguma maneira, desorientava os corpos, mudando sua relação com o espaço. Um “estado de alerta” do corpo se fazia presente, modificando a forma como este corpo assistiria ao restante do espetáculo.

No que se refere à pesquisa atual, que deu título ao espetáculo, as memórias constelares estão presentes em todas as cenas, uma vez que novos significados são dados a diferentes movimentações. Ainda, elementos já conhecidos dos espectadores, como magia com baralhos, o horário político, uma ligação pelo celular, um músico de rua, são ressignificados no decorrer do espetáculo.

No que se refere aos intérpretes, cada movimentação jamais será a mesma a cada novo espetáculo. Além das associações particulares que cada intérprete já carrega consigo, cada novo ensaio tira da movimentação executada o caráter experimental. A familiaridade com as sequências de cenas e movimentações em si faz com que, de certa forma, a exploração de movimentos não mais seja realizada. Sendo assim, manter o corpo alerta a cada ensaio, tal qual o corpo exploratório, apresenta-se como um desafio para cada intérprete e ter a consciência dessa memória auxilia nesse estado de alerta corporal, necessário à apresentação.

Além disso, cada apresentação ganha um novo elemento, que o diferencia dos ensaios: o público observador. Esse elemento modifica drasticamente a movimentação de cada bailarino e mesmo sua percepção do todo do espetáculo. Sendo assim, podemos perceber que as memórias constelares estão presentes por toda a parte na criação de um espetáculo. Ao expô-las nesse espetáculo específico, buscou-se apresentar sua importância para a criação artística. Percebê-las e trabalhá-las é fundamental para que cada intérprete entenda sua movimentação, suas associações e possa utilizar-se delas na construção de diferentes sensações, transformando-as num material artístico extremamente rico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O quadro geral da experiência corpórea coletiva em grandes cidades contemporâneas é atrelado às inúmeras experiências particulares de cada corpo, unindo, alternando e amalgamando movimentações. As muitas lembranças particulares de qualquer tempo é constantemente ressignificada e modificada, conformando memórias. As constelações, geradas da união de diferentes lembranças (estrelas), presentes em diferentes tempos cronológicos, formam um quadro maior, supratemporal, que chamei aqui de memória constelar.

Entender a memória constelar é fundamental para pensar a forma como os corpos se movimentam. Uma movimentação tida como “natural” é algo aprendido e repetido diversas vezes, fixando no corpo uma forma específica de movimentação.

Ainda, os aparatos tecnológicos, as experiências propiciadas pelas grandes cidades e as inúmeras exposições midiáticas parecem conformar cada vez mais as movimentações dos corpos, uma vez que, experienciados, esses elementos atrelam-se às memórias já existentes e geram novas significações às lembranças, num reconstruir eterno de memórias, característica principal da memória constelar.

As memórias constelares, movimentos apreendidos ao longo da vida de um corpo e executados em associação uns às outras, sem necessidade de consciência desse processo, são um grande campo de possibilidades de exploração para um trabalho artístico-corporal que se propõe a pensar a relação corpo-urbanidade-contemporaneidade. Além de auxiliar no entendimento do próprio corpo do intérprete e de suas movimentações, as memórias constelares podem ser utilizadas no sentido de construir elementos, ressignificados a todo o momento pelo público.

Ante o caráter blasé que as cidades podem proporcionar, a dança (assim como outras manifestações artísticas) pode ser encarada como uma suspensão desse estado, devolvendo, ainda que de maneira efêmera, a sensibilidade humana no indivíduo. Refletir sobre de que forma e com quais elementos isso pode ser feito em um espetáculo, proporcionando sensações e experiências e, conseqüentemente, possibilitando a construção de novas associações e memórias constelares, é uma questão constante a cada criação artística, devendo ser sempre retomada e considerada no processo criativo e de pesquisa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONZ, Rosely. *Resquícios e Rosas: As Memórias na Criação em Dança Contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

IZQUIERDO, Ivan. *Memórias*. IN: Revista Estudos Avançados, Vol. 3, Ano 6, 1989. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200006>. Acesso em 20/08/2014.

MARQUES, Isabel. *Dançando na Escola*. Revista Motriz, Rio Claro, SP. Vol. 3, Num. 1, Junho, 1997.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do Corpo*. IN.: Sociologia e Antropologia. Sexta Parte, pp. 399-422. Cosac & Naify. São Paulo, 2003.

OTTE, George & VOLPE, Miriam Lídia. *Um olhar Constelar sobre o pensamento de Walter Benjamin*. Revista Fragmentos, Florianópolis, Num. 18, pp 35/47, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6415/5984>. Acesso em 12/07/2014.

PORPINO, Karenine de Oliveira. *Corpo, Dança e Memória: territórios convergentes*. In: VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. São Paulo, SP, 2010. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vicongresso/pesquisadanca/Karenine%20de%20Oliveira%20Porpino%20-%20Corpo,dan%E7a%20e%20mem%F3ria-territ%F3rios%20convergentes.pdf>. Acesso em 17/08/2014.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito* [orig. al. 1903]. Trad. L. Waizbort. Mana, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.